

## Um Olhar sobre o Jornalismo Investigativo Brasileiro. A perspectiva da reportagem no livro “Rota 66”, de Caco Barcellos<sup>1</sup>

### A Look into the Brazilian Investigative Journalism from the book-entry "Rota 66", the journalist Caco Barcellos

Raissa Nascimento Dos Santos <sup>2</sup>

Cláudio Cardoso Paiva<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo lança um olhar sobre o jornalismo investigativo brasileiro, colocando em perspectiva o livro-reportagem “Rota 66: A História da Polícia que Mata”, do jornalista Caco Barcellos. E a partir das contribuições de escritores, teóricos, pesquisadores como Gabriel Garcia Márquez, Karl Popper, Montserrat Quesada, Gerardo Reyes, Clóvis Barros Filho, Sandra Moura propõe uma reflexão acerca deste gênero jornalístico. Buscando atualizar o debate, o texto recorre às recentes pesquisas divulgadas pelo Instituto Internacional da Imprensa, que discute os desafios, impasses e avanços do jornalismo atual. Em linhas gerais, o trabalho busca apontar elementos para uma reflexão e crítica acerca da atuação profissional, particularmente, no âmbito do jornalismo investigativo nacional.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Investigativo; Rota 66. Práticas Jornalísticas.

**Abstract:** This article takes a look at the Brazilian investigative journalism from the book-entry "Route 66: The History of Police That Kills", the journalist Caco Barcellos. And from theoretical readings of authors such as Gabriel Garcia Marquez, Montserrat Quesada, Gerardo Reyes, Clovis Barros Filho, Karl Popper, Sandra Moura and research recently released by the International Press Institute reflection rises to the practices of investigative journalism: the challenges and nuances are raised for discussion. But also contribute in training and professional journalistic activity to the exercise of investigative journalism in the country.

**Keywords:** Investigative Journalism. Rota 66. Journalistic practices.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, entre 24 e 26 de julho de 2014.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e-mail: [raissa.nascimento.santos@gmail.com](mailto:raissa.nascimento.santos@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Sociais, Sorbonne, professor Associado. Programa de Pós Graduação - Mestrado Profissional em Jornalismo – PPJ/UFPB, e-mail: [claudiopaiva@yahoo.com.br](mailto:claudiopaiva@yahoo.com.br)

## 1. Jornalismo Investigativo

A essência do jornalismo consiste em buscar a verdade dos fatos noticiados. Gabriel Garcia Márquez na obra “Notícia de um Sequestro” afirma que “a investigação não é uma especialidade dentro da profissão, mas que todo jornalismo deve ser investigativo por definição” (Márquez, 1997, p. 46). Com efeito, a apuração jornalística é o primeiro passo importante no trabalho do repórter e é o que confere credibilidade às práticas jornalísticas. Convencionalmente, denomina-se jornalismo investigativo a elaboração de matérias que envolvem a denúncia de alguma atividade ilícita, como descreve Montserrat Quesada no livro “La Investigación Periodística”:

Así pues, el objetivo general que no debe eludir nunca el periodismo de investigación le obliga a no limitarse simplemente a informar de situaciones que no se producen como debieran, sino que siempre debe haber implícita una voluntad de denunciar esas situaciones (QUESADA, 1987, p. 35).

A citação remete ao conceito clássico de jornalismo como um dos pilares da democracia no Ocidente, exercício da liberdade de expressão, enfrentamento dos poderes hegemônicos e das arbitrariedades que colocam em risco os direitos humanos. E, sobretudo, instiga a tomada de consciência para a importância da vontade e predisposição do jornalismo investigativo de ir além da sua mera função informativa, agindo com vigor e responsabilidade na denúncia das situações de crise, anomia e adversidade.

Por sua vez, Gerardo Reyes no artigo: “Intersticios del Periodismo de Investigación” caracteriza o trabalho do repórter no jornalismo investigativo de maneira semelhante a de um detetive em busca da verdade dos fatos:

Algunas veces todas las piezas son obtenidas por el periodista y otras llegan a sus manos porque alguien se entera de que las está buscando, pero em ambos casos, su perseverancia, el hecho de estar siempre ahí escuchando quejas y rumores, mirando documentos y siguiendo pistas, es la clave para obtener una información que quedaría oculta si no fuera por su olfato inquisitivo (Reyes, 1998, s/p<sup>4</sup>).

---

<sup>4</sup> Cf. site Sala de Prensa. Web para profesionales de la comunicacion iberoamericanos. Mexico, 1998. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art12.htm>>. Acesso em: 10 04. 2014

Destacam-se aqui as necessárias estratégias de atenção, observação e participação do jornalista investigativo. A importância da fonte, o trabalho de pesquisa, análise, ouvidoria, mas principalmente o empenho na busca das pistas, indícios e sinais, o exame dos dados, evidências, documentos e a averiguação dos fatos que se tornarão notícias. Reys (1998) ressalta o perfil deste tipo de jornalista, empenhado na descoberta dos fatos ocultos, o seu “olfato inquisidor”, o que remete à natureza de um *métier* que não se reduz ao exercício lógico, racional, mas inclui a intuição, o *feeling*, o presságio do investigador.

Para nortear a busca do repórter, o ceticismo pode ser uma valiosa ferramenta. Esta palavra é empregada aqui, considerando a sua origem grega, como explica o filósofo Karl Popper no livro: “Em Busca de Um Mundo Melhor”:

O dicionário de alemão de Duden define <<ceticismo>> (Skepsis) como <<dúvida, descrença>> e <<cético>> (Skeptiker) como <<indivíduo desconfiado>>. E é este, evidentemente o significado da palavra alemão e, de um modo geral, o significado moderno. Todavia, o verbo grego de que derivou a família de palavras em língua alemã (skeptisch, Skeptiker, Skeptizismus) não significa originalmente <<duvidar>>, mas <<observar experimentando, verificar, ponderar, analisar, procurar, investigar>> (POPPER, 1992, p. 174).

No conjunto polimorfo dos afetos que constituem a *psiquê* do jornalista investigativo, o ceticismo, como sinônimo de dúvida, descrença, desconfiança certamente faz parte da complexidade de sensações e sentimentos que moldam a percepção e ação deste profissional. Mas, a lógica de Popper alerta – especificamente – para um estilo de “dúvida metódica” que mobiliza o senso de observação aliado à concretude da experiência, o exercício da verificação, análise, ponderação, que concorrem para o êxito da tarefa investigativa.

O resgate do vocábulo ceticismo, na sua etimologia grega, é estratégico à discussão proposta neste artigo na medida em que pode vir a refinar a percepção para o significado do repórter no trabalho de investigação; principalmente, na busca da verdade objetiva em detrimento da verdade subjetiva. Como explica Popper,

O que quer que eu diga pode ser verdadeiro sem que eu ou qualquer outra pessoa saiba que é verdadeiro. Isto significa, porém, que a verdade é objectiva: a verdade é a concordância entre aquilo que eu digo e os factos; quer eu saiba ou não saiba que esta concorrência existe (POPPER, 1992, p. 176).

Enuncia-se aqui uma estratégia discursiva apoiada numa perspectiva hermenêutica (a rigor, uma interpretação histórica dos fatos), buscando apreciar o “ofício do jornalista” ligado aos aspectos valorativos dos conceitos de “verdade”, “objetividade”, “facticidade”. No domínio das teorias do jornalismo, tais conceitos se prestam a controvérsias, críticas e discussões; entretanto, constituem historicamente as espinhas dorsais no imaginário dos jornalistas desde os primórdios da profissão.

No jornalismo, a aplicabilidade da teoria da verdade objetiva, formulada por Popper, encontra a sua relevância, ao considerarmos os esforços dos jornalistas em relatar os acontecimentos buscando avaliar as diversas vertentes da história, de modo que o leitor esteja guarnecido de informações suficientes para interpretar fidedignamente o fato jornalístico.

Como descreve Clóvis de Barros Filho, na obra “Ética na Comunicação”:

Se os aspectos formais do trabalho mediático sugerem uma objetividade jornalística, as técnicas do jornalismo, bem como a relativa homogeneidade da abordagem mediática fazem do conteúdo um ponto central nessa análise (BARROS FILHO, 2008, p. 269).

Ao contemplarmos a atividade jornalística é preciso entender a sua importância no contexto da divisão social do trabalho, a sua função no cerne de uma estrutura organizacional e tecnoburocrática, a sua inserção no âmbito de um sistema produtivo que requer racionalidade, exatidão, objetividade. Os “aspectos formais” da produção jornalística não passam despercebidos por Barros Filho. Todavia, a sua análise remete a nossa atenção para a natureza dos conteúdos dos produtos midiáticos e jornalísticos.

Neste sentido, o conteúdo (e a forma) do jornalismo investigativo apresenta distinções importantes, por exemplo, em relação ao jornalismo informativo, considerando-se que o “ceticismo” - característico do gênero - conduz à perseverança no ato de investigação.

O ceticismo no jornalismo – como ação afirmativa – é vital para que as notícias sejam analisadas, verificadas, checadas antes de serem publicadas. Ao reconhecermos positivamente a teoria popperiana de “verdade objetiva”, percebemos que, por este caminho o trabalho jornalístico adquire prestígio, credibilidade e cumpre a sua função social.

Com efeito, o ceticismo faz parte do ethos e responsabilidade que rege o processo investigativo, no contexto das práticas jornalísticas, desde a apuração dos fatos, o cuidado na verificação das fontes e a atenção no que respeita à inclusão dos testemunhos na reportagem até o rigor na elaboração do texto jornalístico. Em suma, o jornalismo investigativo se norteia pelo ceticismo que duvida das aparências e aposta numa “teoria da verdade objetiva”, a qual se verifica pela acuidade do repórter acerca dos acontecimentos reais, considerando tudo que estes contêm de risco e complexidade. O jornalista investigativo acredita, assim, poder levar ao leitor um produto final cujo conteúdo prima pela qualidade, sendo pautado pelo empenho na busca cuidadosa, na averiguação da veracidade dos fatos e, especialmente, pelo sentimento de ética, respeito e responsabilidade.

## 2. A investigação

O jornalista Caco Barcellos<sup>5</sup> publicou em 2003, o livro-reportagem: “Rota 66: A História da Polícia Que Mata<sup>6</sup>”. Na obra, o repórter revela os dados da pesquisa desenvolvida

---

<sup>5</sup> Caco Barcellos nasceu na Vila São José de Murialdo, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no dia 5 de março de 1950. Antes de iniciar carreira como jornalista trabalhou como taxista. Em Porto Alegre, o Jornal Folha da Manhã contratou-o como estagiário e logo em seguida, como repórter. Caco em conjunto com amigos criou a *Revista Versus* e também, a *Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre*. Atuou como repórter nos principais jornais do país e nas revistas: *Isto É* e *Veja*. Iniciou a carreira no telejornalismo trabalhando na *Rede Globo*. No final da década de 70, iniciou a carreira como correspondente internacional em Nova York, apresentando durante seis anos um programa semanal na *Globo News*. Em 2001, passou a ser correspondente internacional da *TV Globo* em Londres e contribuindo com reportagens para *Globo Repórter*, *Fantástico* e *Jornal Nacional*.

<sup>6</sup> BARCELLOS, Caco. **Rota 66: A História da Polícia Que Mata**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

por ele e uma equipe de colaboradores, durante mais de 20 anos <sup>7</sup> e comprovou o homicídio de 4179 pessoas, brutalmente assassinadas pela Polícia Militar (PM) de São Paulo.

Meu objetivo, ao iniciar a pesquisa, é conhecer o perfil das vítimas e as circunstâncias em que elas são mortas pela Polícia Militar. Poderia ser uma tarefa relativamente simples, se os dados não fossem considerados sigilosos pelas autoridades do Comando da PM (BARCELLOS, 2014, p. 87)

O *feeling* jornalístico da pauta nasceu da observação diária do repórter. No final de 1975, Caco morava no bairro de Consolação, na rua Capote Valente, local próximo ao Instituto Médico Legal (IML) de São Paulo e percebia a grande movimentação de pessoas que iam até o IML, em busca de informações sobre parentes desaparecidos e ouvia os comentários no lugar que o intrigavam.

Impressionado com o número de pessoas que procuram no IML o parente ou amigo morto pela polícia, faço anotações diárias num caderno de capa vermelha e preta. Observações e entrevistas feitas no pátio do necrotério formam, desde já, uma das fontes da pesquisa (BARCELLOS, 2014, p. 88).

O segundo indício que desperta o ceticismo do jornalista diz respeito ao modo como reportagens policiais foram veiculadas no jornal Notícias Populares.

A maior parte dos casos de pessoas mortas pela Polícia Militar é escrito no *Notícias Populares*<sup>8</sup> a partir das informações do Boletim de Ocorrência, ou da Nota Oficial divulgada pelo Serviço de Relações Públicas da PM. Desta maneira, ao ler as notícias de tiroteio envolvendo policiais, consigo reproduzir a versão oficial, com fidelidade, de todos os casos de mortes divulgadas (BARCELLOS, 2014, p. 88)

---

<sup>7</sup> BARCELLOS afirma no livro: “Minha pretensão é de examinar todos os casos registrados como tiroteio desde o dia 9 de abril de 1970, quando houve a fusão da Polícia Militar de São Paulo e da Força Pública, para a criação da Polícia Militar de São Paulo” (BARCELLOS, 2014, p. 88). O balanço final da pesquisa ocorreu em junho de 1992.

<sup>8</sup> Caco revela que “A leitura das primeiras 1.725 edições do NP resultaram na descoberta de 274 pessoas mortas em supostos tiroteios pela cidade de 70 a 75” (BARCELLOS, 2014, p. 89).

O jornalismo investigativo busca a verdade oculta nas versões do jornalismo corporativo. Para isso, as hipóteses são levantadas e confrontadas com as versões oficiais durante toda a pesquisa através da apuração meticulosa. Entrevistas realizadas com os parentes e testemunhas dos casos investigados e a pesquisa *in loco* nos arquivos do IML de São Paulo, da Justiça e da Polícia para averiguar as informações, levam o jornalista a criar “um Banco de Dados sobre os indivíduos mortos durante o patrulhamento da cidade”<sup>9</sup>.

Uma observação mais detalhada do Banco de Dados mostra que os matadores da PM herdaram os métodos do passado. Vencidos a guerra contra a guerrilha, passaram a usar os mesmos métodos contra os suspeitos da prática de crimes comuns (BARCELLOS, 2014, p. 93).

Caco decide ampliar a investigação e o método: criando uma ficha-padrão:

Passamos a copiar todas as informações relativas à vítima: nome, idade, cor da pele, endereço, profissão, local e motivo da morte. Copiávamos também os dados dos matadores, além dos nomes da delegacia da área dos tiroteios e do delegado que escreveu o Boletim de Ocorrência (BARCELLOS, 2014, p. 152).

“Paciência, persistência, organização são virtudes fundamentais”<sup>10</sup> nessa atividade. Assim o repórter definiu a pesquisa que, durante 22 anos, “registrou 4.179 casos de tiroteios no Banco de Dados e identificou o perfil das vítimas dos matadores”<sup>11</sup>.

Homem jovem, 20 anos. Negro ou pardo. Migrante baiano. Pobre. Trabalhador sem especialização. Renda inferior a 100 dólares mensais. Morador da periferia da cidade. Baixa instrução, primeiro grau incompleto (BARCELLOS, 2014, p. 168).

A pesquisa revelou que 65% dos assassinatos eram pessoas inocentes como afirma Caco no livro: “o resultado do confronto do nosso Banco de Dados com os arquivos da Justiça Civil identificou 2.027 inocentes assassinados pelos matadores da PM”

---

<sup>9</sup> BARCELLOS, 2014, p. 88.

<sup>10</sup> BARCELLOS, 2014, p. 161.

<sup>11</sup> BARCELLOS, 2014, p. 168.

(BARCELLOS, 2014, p. 328). A investigação apontou que os PM matavam movidos, muitas vezes, pelo preconceito racial:

Do total de 4179 vítimas identificadas, obtivemos informações sobre a cor de pele de 3944: 1932 eram brancas e 2012 negras e pardas. A maioria de 51 por cento por si só já demonstra o preconceito contra as pessoas de raça negra e parda. Isso fica ainda mais claro se fizermos um confronto com os dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sobre a população do município de São Paulo. Nas últimas duas décadas, universo de minha pesquisa, os habitantes da capital se dividiam, por raça, na proporção de 74 por cento de brancos para 22 por cento de negros e pardos (BARCELLOS, 2014, p. 330-331).

A investigação permitiu denunciar crimes silenciosos e divulgar a morte dos inocentes. O método de apuração do jornalista Caco Barcellos resultou em tese de doutorado, publicada no livro “Caco Barcellos: o Repórter e o método”<sup>12</sup>, que revelou o perfil profissional e as influências do *new journalism*<sup>13</sup> na construção do livro-reportagem: “Rota 66: A História da Polícia Que Mata”.

Este trabalho consiste numa proposta de interpretação à luz dos fatos históricos. Logo, formulamos algumas linhas argumentativas acerca do jornalismo investigativo e as “primeiras impressões”, que correspondem a fase de pré-entendimento, no âmbito de uma pesquisa ainda em curso, e aqui mapeamos alguns elementos à guisa de análise.

As contribuições teóricas nos permitiram assimilar importantes noções e conceitos, conferindo dinâmica e mobilidade à reflexão. Todavia, a parte empírica, a experiência concreta concernente às ocorrências de violência narradas pelo repórter Caco Barcellos, concede um estatuto de solidez à exploração do objeto de pesquisa. É importante notar, o texto de Caco Barcellos, reconhecidamente, constitui um exercício exemplar de jornalismo, e particularmente, apresenta situações que introduzem conceitos importantes no campo da pesquisa científica em jornalismo investigativo.

O seu esforço é caracterizado enquanto uma estratégia de investigação singular, demonstrada no trabalho dos teóricos. Informada pela empiricidade apresentada por Barcellos,

---

<sup>12</sup> MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

<sup>13</sup> Sandra Moura no livro: “Caco Barcellos: o Repórter e o método” explica sobre o *new journalism*: “a expressão passou a ser utilizada pra classificar a tendência de se introduzir técnicas ficcionais na descrição de fatos reais” (MOURA, 2007, p. 217).



em “Rota 66”, a pesquisadora Sandra Moura fez um trabalho rigoroso, em sua Tese de Doutorado. Logo, este trabalho empenha-se em conjugar a dimensão teórica e a dimensão empírica do objeto, buscando – em última instância – encorajar a reflexão dos jornalistas acerca do seu próprio trabalho. Conviria lembrar que esta pesquisa (em curso) está se desenvolvendo no âmbito de um curso de pós-graduação, cuja natureza epistemológica e institucional concentra-se categoricamente no cerne de um Mestrado Profissional, que se traduz em estudos avançados em Jornalismo, particularmente, em Jornalismo Investigativo.

### **3. Um olhar para o Jornalismo investigativo brasileiro (Rota 66)**

O repórter investigativo utiliza-se do “faro jornalístico” para se aproximar o máximo possível da verdade dos fatos. Isso não significa que o trabalho seja simples, pelo contrário, Sandra Moura descreve o método de apuração em busca da verdade objetiva, realizado durante a pesquisa do livro-reportagem “Rota 66”, através do uso de ferramentas jornalísticas, tecnológicas e humanas, exaustivamente empregadas pelo jornalista a fim de investigar, apurar e verificar.

Códigos visuais (fotografias, diagramas, desenhos); códigos sonoros (escutas de programa de rádio e depoimentos gravados); códigos verbais (fichas para anotação de dados do jornal Notícias Populares e dos arquivos do IML, caderno de anotações, cópias de processos judiciais, laudos de exame de cadáver, pautas jornalísticas etc); código Tátil (descrição em Braille de uma das fontes do repórter) (MOURA, 2007, p. 186)

Após o período de levantamento de informações é preciso organizar os dados obtidos de modo a ter clareza e objetividade. Para explicar esta fase da investigação, Sandra Moura compara o método desenvolvido, ou seja, a organização das informações colhidas em fichas no Banco de Dados, com a arquitetura jornalística utilizada na construção da notícia:

Na sua organização, a ficha tem relação com os critérios que estruturam a linguagem jornalística. Equiparando, temos na notícia a busca pela resposta às seis perguntas clássicas do lead: o quê, quem, quando, onde, como e por que. Na ficha, esses dados correspondem a nome (quem), data (quando), local (onde), motivo (por que ou como). O elemento o quê está implícito na procura do jornalista pelos crimes praticados pela polícia (MOURA, 2007, p. 188).

A relação do repórter com as suas fontes não pode ser desconsiderada. No livro-tese, Moura observa a relação de Caco Barcellos com as fontes como um ato comunicativo, que reúne “entrevistas com policiais, com parentes e amigos das vítimas, contatos com juízes para se ter acesso aos processos judiciais (...) além de várias tentativas de acompanhar de perto tiroteios envolvendo a polícia” (MOURA, 2007, p. 128).

#### **4. Considerações finais**

O ceticismo, a partir de sua origem grega, pode ser empregado para designar um sinônimo do jornalismo investigativo. Caco Barcellos utiliza-se desta característica desde o início de sua pesquisa, ao refletir sobre o seu papel social do repórter. O jornalista descreve, no livro, algo comum no cotidiano da grande maioria dos jornalistas, mas cujo próprio trabalho opta em adotar uma postura cética: “confundir os papéis da imprensa e do poder não é exclusividade dos parentes das vítimas da PM. Essa confusão também é incorporada pelos policiais, habituados a lidar com jornalistas que limitam seu trabalho a reproduzir a versão oficial como verdade absoluta” (BARCELLOS, 2014, p. 49). O livro do jornalista nos permite perceber em sua leitura que a opinião do autor se expressa claramente, mas a partir de um grande esforço de investigação, atento à complexidade da experiência policial:

A maioria dos 50 mil homens que formam a Polícia Militar de São Paulo em 1975, felizmente, não costuma matar durante o policiamento. São homens que respeitam a lei. Mesmo muitas vezes envolvidos em situações de risco da própria vida, por necessidade de repressão ao crime, costumam cumprir a sua obrigação: atirar só em último caso. A prioridade da imensa maioria é a prisão do suspeito, levá-lo a julgamento da Justiça. Matar em supostos tiroteios (...), é coisa de uma minoria (BARCELLOS, 20014, p. 90).

O livro-reportagem: “Rota 66: A História da Polícia Que Mata” revela uma situação de horror da periferia de São Paulo: o número abusivo de assassinatos de inocentes pela Polícia Militar. Porém, a obra permite, sobretudo, observar a coragem e perseverança na busca da verdade pelo aguerrido repórter que investiga, sinalizando, com a sua prática, os

caminhos investigativos para os jornalistas jovens e veteranos. Barcelos pesquisa com vigor e o seu método de análise, ao ser revisitado pelos estudiosos de jornalismo, torna possível se apontar atitudes imprescindíveis ao trabalho do jornalismo investigativo, a começar pela reflexão sobre o papel social do jornalismo.

Em pleno século XXI, na Era da Informação, o jornalismo está passando por transformações, no que respeita à maneira como se produz a notícia e também, na maneira como se transmite a notícia. Refletir sobre o papel social do jornalismo na esfera pública consiste num primeiro passo. A reflexão precisa incluir o diálogo entre os profissionais e a sociedade. Faz-se necessário avaliar como têm sido realizadas as práticas investigativas e igualmente, avaliar as condições em que os repórteres estão fazendo jornalismo investigativo; no caso do livro *Rota 66*, Caco financiou o processo investigativo do início ao fim<sup>14</sup>.

O perfil do profissional em jornalismo investigativo também consiste em um diferencial; este precisa estar atento às especificidades das narrativas da vida privada, da vida pública, as modalidades das relações socioeconômicas, políticas, éticas e culturais.

Observamos no livro de Sandra Moura, como o jornalista Caco Barcelos dá a devida atenção às histórias de vida e às características históricas e sociais, as quais se transformam em elementos que vão tornar o terreno fértil à elaboração do trabalho, em meio às adversidades e desafios que se apresentam ao repórter.

Caco ingressava no jornalismo num momento particularmente difícil na vida brasileira, com tortura e desaparecimento de presos políticos. (...) Começa a carreira na editoria de Polícia<sup>15</sup> fazendo matérias investigativas de crimes praticados pela ditadura e, também, reportagens de violência envolvendo criminosos comuns. Ele conta que, em seus deveres de rotina, procurava as delegacias para confirmar a informação de sequestro, por exemplo, e ouvia sempre um não das autoridades. O que o levava a procurar familiares e amigos das vítimas e a partir dessas fontes relatava a história. De certo modo, essa experiência ia lhe ser útil por toda a vida porque o acostumava, cedo, à prática da investigação (MOURA, 2007, p. 52).

---

<sup>14</sup> Caco permite transparecer esse indício em várias partes do livro. Claramente, ao contratar Daniel Annenberg informa que: “só poderei pagar por essa tarefa um valor simbólico, dois salários mínimos mensais” (BARCELLOS, 2014, p. 159).

<sup>15</sup> Moura descreve: “a princípio, Caco trabalhou na Folha da Manhã como estagiário, de setembro a dezembro de 1972. Depois de três meses na empresa, foi contratado como repórter-estagiário” (MOURA, 2007, p. 52).

Outro aspecto para a reflexão consiste na segurança do repórter investigativo. Segundo dados<sup>16</sup> do Instituto Internacional da Imprensa, em 2013 morreram 117 jornalistas no exercício da profissão e o Brasil ocupa o ranking de país mais perigoso para jornalistas na América Latina, contabilizando seis mortes. Caco Barcellos sofreu ameaças<sup>17</sup> após a publicação do livro “Rota 66”:

Nessa época, Caco foi forçado a andar oculto no banco de trás de táxis e de carro de amigos. Toda essa situação motivou a sua saída do Brasil no mesmo ano em que o livro foi lançado. Ficou 40 dias em Nova York a serviço da TV Globo para cobrir eleições presidenciais dos Estados Unidos. Recebeu solidariedade dos Direitos Humanos do mundo inteiro. Foram quase dois mil faxes, telexs, cartas e telegramas encaminhados às autoridades brasileiras, ao então governador Antônio Carlos Fleury e ao secretário de Segurança Pública de São Paulo exigindo garantias de vida para o jornalista (MOURA, 2007, p. 92)

Apontar soluções para a investigação jornalística exige reflexões sobre o trabalho do repórter. É preciso se discutir sobre a questão da segurança dos jornalistas, pois as condições favoráveis de trabalho permitem uma adesão de cada vez maior de profissionais à prática do jornalismo investigativo. Deste modo, será possível se oferecer aos repórteres, os meios para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

## Referências bibliográficas

BARCELLOS, CACO. **Rota 66: A História da Polícia Que Mata**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BARROS FILHO, CLÓVIS. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Summus, 2008.

MÁRQUEZ, GABRIEL GARCIA. **Notícia de Um Sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

---

<sup>16</sup> A informação foi divulgada no dia 30 de dezembro de 2012 e pode ser acessada no seguinte endereço eletrônico <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/12/em-2013-117-jornalistas-morreram-exercendo-profissao-diz-instituto.html>> Acesso em 10 de abril de 2014.

<sup>17</sup> Moura (2007: 92) descreve: “a informação certa ele (Caco) recebeu de um segurança do então vice-prefeito de São Paulo, Luiz Eduardo Greenhalgh. O funcionário presenciou policiais planejando eliminar o jornalista com uma ‘bala perdida’ durante uma cobertura jornalística”.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

POPPER, KARL. **Em Busca de um Mundo Melhor**. Lisboa. Ed. Fragmentos, 1992.

QUESADA, MONTSERRAT. **La investigación periodística: el caso español**. Barcelona: Ed. Ariel, 1987.

REYES, Gerardo. **Interstícios Del Periodismo de Investigación**. Primera Epoca, volume 1, ano II, 1998. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art12.htm>>. Acesso em: 10.04.2014.

PORTAL G1. **Em 2013, 117 jornalistas morreram exercendo a profissão, diz instituto**. In: Jornal O Globo. Disponível em: <<http://migre.me/jSP4c>>. Acesso em: 10.04.2014.